



AVALIAR, PARA CRESCER COM QUALIDADE

A experiência com grupos focais tem mostrado que a preocupação constante com o aperfeiçoamento da avaliação institucional tem razão de ser: o aluno é quem aprende mais

Por Adelina de Oliveira Novaes
Foto João de Freitas

Avaliação. Em geral essa palavra provoca afastamento à simples menção. Afinal, ninguém gosta de ser avaliado – muito menos cotidianamente. As mulheres, por exemplo, nunca concordam com a balança [risos]. É uma sensação natural. Todo mundo reage de alguma forma à avaliação médica, à avaliação física etc. Isso porque estamos acostumados a associar a prática da avaliação com imagens negativas – como se atrás de uma crítica viesse uma punição. Evidentemente existe a dimensão regulatória, mas a avaliação tem um caráter mais relevante a destacar: o da formação. Nesse sentido o *GVlaw*, desde o surgimento, vem se preocupando com a avaliação contínua de seus processos educativos, abordando não só o rendimento dos estudantes, mas também o desempenho docente. E, à medida que cresce, aumenta a preocupação com a garantia da excelência. Daí a importância da avaliação.

Sou psicóloga, formada na Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas não cheguei a clinicar. O meu foco sempre foi a pesquisa. Tanto que, ainda no Colégio Pedro II, no Ensino Médio, participei de um projeto de iniciação científica, numa parceria com a Fundação Oswaldo Cruz. Desde aquela época venho trabalhando como pesquisadora. Durante o mestrado não foi diferente. Mas, embora tenha sido aceita em Saúde Pública na UFRJ, decidi não ir adiante. Já havia estudado muitos temas da medicina na graduação. Queria, dessa vez, trabalhar com

educação. Ou melhor, com pesquisa em educação. E assim vim para São Paulo, selecionada para o programa da PUC-SP em Psicologia da Educação, no qual hoje estou me doutorando. Também trabalhei como assistente de pesquisa na Fundação Carlos Chagas, num projeto internacional sobre representações sociais de Brasil, até que ingressei na Fundação Getúlio Vargas para compor a equipe de avaliação institucional.

A princípio desenvolvemos um projeto para a Escola de Direito de São Paulo, seguindo as diretrizes do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior, o Sinaes (criado pela lei nº 10.861/2004). Montamos um projeto diferenciado que agrupou as propostas do Ministério da Educação de uma nova forma. E recebemos a aprovação do MEC. Na sequência, comecei a trabalhar com o *GVlaw*. E, desde então, temos aperfeiçoado nossos processos avaliativos.

A avaliação é uma postura

A avaliação institucional também tem um caráter formativo. Ou seja, com fase em seus resultados, cada um dos atores envolvidos no processo pode assumir uma nova postura diante de uma situação, ou enxergar com mais clareza características profissionais que podem ser aperfeiçoadas ou mesmo corrigidas. Quando se trata de uma instituição como a Fundação Getúlio Vargas, cuja preocupação com a excelência é constante, esse processo se torna ainda mais essencial.

O programa *GVlaw* é muito grande e requer acompanhamento rápido e contínuo. Para dar conta desse amplo universo, incluindo as dimensões em sala de aula, é preciso uma metodologia bastante específica. Por isso desenvolvemos em 2006 uma avaliação alternativa, na qual cada ator envolvido no processo de ensino-aprendizagem avaliava a própria atuação e a dos demais pares – tentativa de garantir uma visão mais completa da realidade, ao combinar diversos olhares. Mas, como são muitos os professores, os coordenadores, os alunos e os funcionários, o resultado também ficou muito extenso. E, apesar de rico e interessante, esse material era demasiadamente complexo. Não conseguíamos processar as informações de imediato para dar um *feedback* adequado. Assim, partimos para um novo modelo.

Construímos questionários que contemplavam não só o acompanhamento em sala de aula, mas tudo aquilo que envolve o *GVlaw*, a secretaria, a monitoria, a infraestrutura. Nesse processo, também introduzimos conversas constantes com coordenadores e professores. Além disso, para buscar um contato ainda maior com os estudantes, o *GVlaw* criou uma ouvidoria em 2007, uma forma de comunicação constante de alunos e colaboradores com o programa.

A ouvidoria é um canal direto de comunicação entre o público do *GVlaw* e a instituição. Evidentemente, os alunos recorrem mais, até porque os professores têm um contato mais direto com a equipe. Mas esse mecanismo

tem sido importante não só para os cursos da casa, pois o público externo também se beneficia. Como? Nos cursos corporativos, por exemplo, ou nos cursos da rede conveniada, todos podem recorrer. É uma forma de garantir a comunicação a qualquer tempo. E já mostra resultados. Os apontamentos e observações recebidos têm reflexo imediato nas atividades da escola. Aliás, toda avaliação deve primar pelo *feedback*, preferencialmente imediato – respeitando, claro, a dinâmica de uma instituição de ensino. Do recebimento das informações à sistematização dos dados e retorno ao professor, o processo na ouvidoria cumpre apenas o caminho estabelecido na metodologia, justamente para oferecer o retorno em tempo mínimo. A partir daí, são tomadas as devidas medidas.

É importante ressaltar: a ideia não é a de medidas punitivas. Ao contrário: a avaliação tem caráter formativo, insisto. Quando apresentamos os resultados para o interessado – um professor, por exemplo –, é ele próprio quem re-significa as informações e cria novas estratégias de atuação. Portanto, a avaliação não envolve só o método, mas uma série de outros aspectos. Não são apenas questões políticas, mas afetivas também. Ora, não é agradável receber críticas negativas sobre a sua atuação. Daí a importância de trabalharmos cuidadosamente na sensibilização dos envolvidos.

A avaliação institucional também é uma postura, ou seja, é estar receptivo para críticas e informações que podem contribuir efetivamente para o próprio aperfeiçoamento. Nesse sentido, o *GVlaw* assumiu o compromisso e já tem colhido frutos. Afinal, quando se tem um panorama do curso nas mãos, fica mais fácil desenhar com precisão estratégias de ação para a melhoria do programa. A receptividade dos professores, e dos envolvidos em geral, tem sido positiva. E os alunos agradecem.

Em 2008 o *GVlaw* deu um passo ambicioso ao propor um projeto avaliativo mais complexo, que contou com os pesquisadores dos nove eixos de especialização do programa, com a

Assessoria de Avaliação e com a Coordenadoria Acadêmica. Buscando inovar na maneira como avaliamos nossos cursos, começamos a coletar informações de modo mais abrangente e qualitativo. Os pesquisadores e a coordenadora acadêmica, Mônica Pinhanez, entrevistaram os coordenadores dos eixos de especialização e sistematizaram esses dados, constituindo a primeira parte de um relatório de auto-avaliação: a percepção dos coordenadores. Todo esse processo resultou em dossiês avaliativos, um para cada curso de especialização.

A finalidade desse dossiê é servir de parâmetro para os coordenadores dos eixos, que não só o receberam bem como ficaram felizes por ter mãos um trabalho de pesquisa tão cuidadoso sobre o curso de cada um. É uma maneira interessante de estabelecer metas e en-

A avaliação não envolve só questões institucionais, mas afetivas. Não é agradável receber críticas sobre a própria atuação, é preciso sensibilizar os envolvidos

volver o curso como um todo. Como o dossiê foi entregue no início deste ano, pela própria Mônica Pinhanez, os coordenadores ainda estão analisando, mas já montaram seus cursos pensando nesse material. Na realidade, a maioria dos cursos foi muito bem avaliada, mas certamente haverá mudanças para o segundo semestre deste ano – pois já houve tempo para trabalhar os dados.

Grupos focais: resultados qualificados

Outra inovação do *GVlaw* foi adotar o grupo focal como método – estratégia à qual a pesquisa de opinião costuma recorrer com frequência. Trata-se de uma discussão em profundidade, na qual reunimos pessoas com determinado perfil para falar sobre determinado objeto. No caso, alunos debatendo cursos do *GVlaw*. Fui mediadora desses encontros. Cada um durou cerca de duas horas e meia. Os participantes

apresentaram e discutiram visões sobre os programas dos módulos, a qualidade das aulas, o domínio dos conteúdos pelos professores, a metodologia de ensino, o material didático, o atendimento pela secretaria, a infraestrutura etc.

Qual é a diferença de um grupo focal para um questionário? No questionário, as informações são individualizadas, ou seja, um indivíduo fala sobre a sua percepção pessoal, sobre a sua aula, sobre o seu professor. No grupo focal não. Não se trata mais de uma percepção individual, mas de uma negociação coletiva sobre a percepção do grupo. É um consenso negociado. Obviamente, muitos aspectos abordados nos grupos focais coincidem com as informações dos questionários, mas o resultado do grupo focal é mais qualificado: existe a reflexão no momento da discussão.

Além disso, temos a liberdade de abordar outros temas e aspectos durante esses encontros. Por mais que tenhamos um roteiro de perguntas, a espontaneidade se sobrepõe no decorrer das discussões. Talvez seja esse o dado mais positivo do grupo focal. Novas propostas e abordagens surgem espontaneamente, sem a interferência do mediador. Em vários momentos os alunos esquecem o

gravador e debatem livremente sobre questões de suma importância para o aperfeiçoamento do programa *GVlaw*.

Embora o trabalho de análise desses grupos seja muito mais extenso, o resultado também é muito mais significativo. Nesse sentido, os grupos focais cumprem outra função: sensibilizam os alunos para a importância da avaliação como processo de formação. Ali os estudantes têm a oportunidade de falar diretamente, e não por meio de uma folha de papel ou e-mail. Em alguma medida, os grupos focais reproduzem o ambiente cotidiano da instituição, as conversas entre os alunos etc. (de maneira não direcionada). Ou seja, essa espontaneidade é legítima porque está nos corredores da escola. Assim esses grupos reforçam o sentimento de pertença do estudante – o aluno sai da posição passiva de receptor de informação. Agora é um participante integrado

da instituição. E não só como aluno, mas como alguém que reflete sobre o todo e ajuda a construir estratégias pedagógicas.


Quando participam de um grupo focal os alunos não são obrigados a se identificar. Os estudantes da foto abaixo, inclusive, foram avisados sobre a publicação dessa imagem. Mas, como professora, além de mediadora, acabo identificando muitos alunos em sala. Talvez seja uma percepção tendenciosa de minha parte, mas eles costumam se envolver mais depois de participarem dos grupos focais (prestam mais atenção nas aulas, debatem mais abertamente e até nos buscam em outras situações). Não conseguiríamos avaliar se o mesmo acontece em todos os cursos. Afinal, os alunos não são identificados. Mas, como professora, sinto essa aproximação em sala de aula. De uma coisa não há dúvida: a partir da experiência do grupo focal, é estabelecida uma relação diferenciada entre aluno e escola.

Por isso os grupos focais são a grande inovação do nosso processo avaliativo.

O programa *GVlaw* tem uma estrutura modular – alguns cursos podem

ser bimestrais, outros semestrais. Portanto, os alunos circulam por módulos diferentes ao longo da especialização. Quando se matriculam no semestre seguinte, já estarão recombinados com outros alunos. Então, não faria sentido retornar ou recuperar esses dados dos grupos focais em sala de aula. Eventualmente os coordenadores de eixo discutem alguns aspectos com os alunos, mas fica a critério deles.

Já na graduação esse tipo de retorno é possível, pois a turma em geral é a mesma. Como são menos professores, em tempo integral, e alunos também em tempo integral, a relação estabelecida é diferente. Também trabalhamos com grupos focais na graduação, além da coleta regular por meio de questionário. Mas como esses estudantes ainda não ingressaram no mundo do trabalho, a percepção deles também é outra. No *GVlaw* os alunos já têm um repertório do mercado, por isso pensam a instituição de ensino de forma diferente. Mas, embora os resultados sejam distintos, a preocupação com a qualidade e os métodos avaliativos são similares, tanto na graduação quanto no *GVlaw*.

Para nós, como professores, e para a FGV, como instituição, é fundamental ter esse *feedback* dos alunos. Existe uma relação muito direta entre o trabalho docente e a falta. Sempre fica a sensação de que poderíamos ter ensinado mais, ter abordado mais temas etc. Da mesma forma, também nunca sabemos se o aluno trabalhou as informações ofertadas como de fato poderia ter trabalhado. Portanto, como diz a psicóloga e também professora Clarilza Prado de Sousa, o trabalho da educação é sempre o trabalho da falta. Nesse sentido, o processo de avaliação vem preencher algumas lacunas, pois aproxima e estabelece vínculos. Avaliar também é educar, por isso acreditamos no aperfeiçoamento contínuo desse processo. 

Adelina de Oliveira Novaes é coordenadora do Módulo de Planejamento de Pesquisa do programa GVlaw e responsável pela Avaliação Institucional da Direção GV.

[Depoimento transcrito de entrevista a João de Freitas]

Os grupos focais reforçam um sentimento de pertença: o aluno como participante integrado, que ajuda a construir estratégias pedagógicas



Foto/Tiana Chinelli